



Marcelo de Mello Rangel

Reflexão e diálogo.

Liberdade e responsabilidade em Gonçalves de Magalhães
e a construção da Nação brasileira

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em História Social da Cultura, do
Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Ilmar Rohloff de Mattos

Rio de Janeiro Setembro de 2005



Marcelo de Mello Rangel

Reflexão e diálogo.

Liberdade e responsabilidade em Gonçalves de Magalhães
e a construção da Nação brasileira

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em História Social da Cultura do Departamento
de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profº Ilmar Rohloff de Mattos

Orientador

Departamento de História-PUC-Rio

Profª Márcia de Almeida Gonçalves

Departamento de História – PUC-Rio

Profº. Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Departamento de História – PUC-Rio

Profº João Pontes Nogueira

Vice-Decano de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 1º de setembro de 2005.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Marcelo de Mello Rangel

Bacharel em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003), onde concluiu a licenciatura em 2004. Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes (2003). Professor de Teoria e Metodologia da História da Universidade Iguazu (RJ). Áreas de atuação: Teoria da História; História e Filosofia; História das Idéias e História do Brasil no século XIX. Atualmente está concluindo o curso de bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Rangel, Marcelo de Mello

Reflexão e diálogo. Liberdade e responsabilidade em Gonçalves de Magalhães e a construção da Nação brasileira / Marcelo de Mello Rangel ; orientador: Ilmar Rohloff de Mattos. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de História, 2005.

209 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História

Inclui bibliografia.

1. História – Teses. 2. História social da cultura. 3. Magalhães, Domingos José Gonçalves de. 4. Romantismo. 5. Conservadores saquaremas. 6. Nação. 7. Império do Brasil. I. Mattos, Ilmar Rohloff de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Aos meus avós, Olívio e Ondina, *in memoriam*.

À minha mãe, Nayda, pela doação irrestrita.

Ao meu pai, Ismael, pela segurança de um ombro amigo.

Ao meu tio, Olívio, pela paixão.

Ao meu irmão, Orlando, pela presença amiga.

À minha irmã, Elinayda, pela confiança.

Ao meu sobrinho, Paulo Guilherme, pela alegria e
esperança.

À minha sobrinha, Juliana, pelo sorriso.

À minha companheira, Gisele, pelo abraço que me faz ser.

Agradecimentos

A Ilmar Rohloff de Mattos, pela sinceridade e respeito. Obrigado pela presença sempre delicada e marcante. Especial gratidão por estar me ensinando a pensar e a fazer história.

A Manoel Luís Salgado Guimarães, por despertar e tornar o estudo da história um lugar de diálogo infindável. Um encontro ímpar. Amigo e mestre que levo junto a meu coração.

A Antonio Edmilson Martins Rodrigues, pela colaboração e incentivo desde os primeiros anos da graduação na UERJ.

A Márcia de Almeida Gonçalves, amiga e mestra que conheci há pouco, mas que desde a qualificação vem me auxiliando e permitindo importante diálogo.

A Francisco José Calazans Falcon, Ricardo Benzaquen de Araújo, Luiz Costa Lima e Marcelo Gantus Jasmim, pelas importantes lições e paciência.

A Marco Morel pela leitura atenta de minha monografia e pela presença sempre prestativa e lúcida.

Ao professor Luiz Alberto Cerqueira, pela reedição de escritos raros de Magalhães, por ter cedido textos importantes e por ter me recebido e dialogado com interesse.

A Felipe Charbel, Gustavo Naves e Leonardo Padilha por me permitirem a presença. Pela leitura atenta do que venho escrevendo e pelas contribuições que em muito transcendem as fronteiras acadêmicas.

A Affonso Celso, Andréa Queiroz, Bernardo Buarque de Holanda, Daniel Câmara, Daniel Pinha, Danrlei Azevedo, Diogo Pinto, Eduardo Ferraz, Felipe Eugênio, Henrique Gaio, Leonardo Augusto, Leonardo Leônidas, Pedro Augusto, Renata Schittino, Rogério Luis, Sérgio Xavier e todos os

demais amigos com os quais caminho desde há muito. Sou grato pela atenção, cuidado e pelo diálogo sempre profícuo.

Aos colegas do grupo de estudos de historiografia alemã oitocentista – do laboratório Procult do IFCS/UFRJ.

A Géssica Goes Guimarães, pela amizade e pela versão do resumo para o inglês.

A Gisele Batista, pelas leituras atentas e pela revisão ortográfica.

Aos funcionários do Departamento de História da PUC-Rio, Anair, Cláudio, Cleusa e Edna, pela amabilidade e eficiência.

A Melquisedec Colimerio, funcionário do Departamento de Filosofia do IFCS, pelo auxílio e pelo companheirismo.

A Ferreira, Max, André, e demais funcionários do Departamento de História da UERJ, pela eficácia e pela amizade.

A Mauro e Margarete responsáveis pela fotocópia do C.A de História da Uerj, pela atenção e amparo, sem os quais seria muito difícil ter continuado.

Ao Departamento de História da PUC-Rio.

Ao CNPq e à Faperj pelo importante apoio financeiro.

Resumo

Rangel, Marcelo de Mello; Mattos, Ilmar Rohloff de. **Reflexão e diálogo. Liberdade e responsabilidade em Gonçalves de Magalhães e a construção da Nação brasileira.** Rio de Janeiro, 2005. 209 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho se propõe a analisar a crítica moral e o projeto civilizador empreendidos por Domingos José Gonçalves de Magalhães à sociedade oitocentista e ao Estado conservador centralizado erigido, especialmente entre os últimos anos da década de 30 e os anos 50 do século XIX. O autor fluminense criticava, contundentemente, a Nação escravocrata construída e defendida pelos conservadores. Afirmava que a instituição escravidão não permitia ao homem dois movimentos fundamentais à vida livre e ordenada, a saber, a reflexão a partir da **consciência de si**, influência claramente cartesiana, e a atuação no mundo a partir da finitude enquanto constitutiva aos entes criados em geral. Gonçalves de Magalhães estava indo de encontro ao sentido do movimento de *re-cunhagem* da moeda colonial empreendido pelo Regresso e, especialmente, pelos conservadores Saquaremas. Seu objetivo era reformar o *mundo do governo* de dentro dele mesmo. Buscava civilizar a chamada *boa sociedade*, os mais distantes e os mais próximos, lugar de onde saíam os exemplos de imoralidade.

Palavras-chave

Domingos José Gonçalves de Magalhães; império do Brasil; romantismo; conservadores saquaremas; nação.

Abstract

Rangel, Marcelo de Mello; Mattos, Ilmar Rohloff de (Advisor). **Refletion and dialog. Liberty and responsability in Gonçalves de Magalhães and the construction of brazilian Nation.** Rio de Janeiro, 2005. 209 p. MSc. Dissertation – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work analyses the moral criticism and the civilizer project undertook by Domingos José Gonçalves de Magalhães to the society of the nineteenth century and to the centralized Conservative State, raised, especially, between the latest years of the Thirties and the Fifties of the XIX century. The author criticized, strongly, the enslaver Nation built and defended by the conservatives. He assured that the institution of slavery has not allowed man two fundamental moviments to the ordinate and free life: the reflection derived from the **conscience of yourself**, influence fairly cartesian, and the acting in the world enable by the finiteness while constitutive to the beings created in general. Gonçalves de Magalhães was moving towards the moviment of *re-coinage* of the Colonial coin achieved by the Regress and, especially, the Conservatives Saquaremas. His objective was to reform the *government world* from inside itself. He sought to civilize the *good society*, the farthest and the nearest ones, place where bad exemples of immorality were given.

Keywords

Domingos José Gonçalves de Magalhães; brazilian empire; romanticism; conservatives saquaremas; nation.

Sumário

1. Introdução	11
2. Da literatura à Nação: indivíduo e sociedade	14
2.1. Auto-reflexão, observação, experimentação e diálogo	14
2.2. A autonomia não alcançada	48
3. Um projeto civilizador dialogal	77
3.1. Os dois caminhos do Regresso Conservador	77
3.1.1. A centralização político-administrativa	77
3.1.2. O IHGB e a construção da Nação	87
3.1.3. Finitude e diálogo: a escrita da História	103
3.2. Um diálogo entre Magalhães e Varnhagen	110
3.3. A escravidão enquanto base da Nação decaída	126
4. Da percepção à liberdade	152
4.1. A filosofia como missão	152
4.2. Da crítica à tradição à teoria da percepção	165
4.3. Liberdade e responsabilidade	183
5. Conclusão	193
6. Referências Bibliográficas	197

*Abertura é um termo para tentar dizer – de novo -, para tentar revelar e mostrar um fenômeno, **uma experiência extraordinária**, mas que, no entanto, está de tal modo caída e decaída na banalidade, no hábito que, por isso mesmo, raramente é vista ou entrevista. A banalidade, o hábito é o grande inibidor, o grande antídoto e paralisador em relação ao ver, ‘como se fosse pela primeira vez’, aquilo que o tempo todo está na nossa cara, debaixo de nosso nariz e, por isso, investido e revestido da carapaça, do calo do hábito. Esta é a grande força de dissimulação e de banalização -, logo, a força de obnubilação e do ‘des-ver’.*

Gilvan Fogel, *Conhecer é criar*

Um papel correspondente para o historiador do pensamento é o de agir como um tipo de arqueólogo, trazendo de volta para a superfície tesouros intelectuais enterrados, limpando sua poeira e possibilitando-nos reconsiderar o que pensamos deles.

Quentin Skinner, *Liberdade antes do liberalismo*

Certamente precisamos da história, mas não como o passeante mimado no jardim do saber, por mais que este olhe certamente com desprezo para as nossas carências e penúrias rudes e sem graça. Isto significa: precisamos dela para a vida e para a ação, não para o abandono confortável da vida ou da ação ou mesmo para o embelezamento da vida egoísta e da ação covarde e ruim. Somente na medida em que a história serve à vida queremos servi-la.

Nietzsche, *Segunda consideração intempestiva*